

“PSIT, FOI O DIABO!”: A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NA IMPRENSA SATÍRICA DO SÉCULO XIX¹

*Vinícius Braz*²

*Phellipy Jácome*³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a utilização de personagens em jornais satíricos brasileiros do século XIX como agentes mobilizadores no que diz respeito ao processo de formação identitária desses periódicos, bem como à sua importância para a construção de um jornalismo satírico e a possibilidade de mobilizar a produção de narrativas nesse modelo jornalístico. Assim, pretende-se construir ferramentas analíticas para o desenvolvimento dos estudos historiográficos no campo da Comunicação.

Palavras-chave: *História do Jornalismo; Jornal satírico; Personagens; Psit!!!; Diabo Coxo; Século XIX.*

INTRODUÇÃO

Em 2016, o periódico virtual *Sensacionalista* tomou conta da internet por seu diferente modo de abordagem jornalística, com o qual a ironia das notícias diárias o tornou conhecido nacionalmente. Seus títulos brincavam com a realidade, fazendo uso de hipérboles ou enunciados falsos que pareciam fora do normal, ao mesmo tempo que as verdadeiras notícias da mídia não se mostravam tão diferentes. Há também nomes como *The Piauí Herald*, que faz parte da *Revista Piauí* e o *G17*, que parodia *G1* e o *R7*, ambos sendo arquitetados como portais virtuais, ou seja, fenômenos de certo modo recentes. Eles

¹ Este trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Phellipy Jácome.

² Graduando. Aluno de Graduação do curso de Jornalismo da UFMG. Integrante da Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa Temporona. E-mail: vinemicheletto@gmail.com

³ Doutor. Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Líder do Grupo de Pesquisa Temporona, email: phellipy@ufmg.br

fazem uso de elementos verbo-visuais de sites conhecidos - no caso do *The Piauí Herald*, sua composição retoma a do *The New York Times* - fazendo humor e contrapondo-se ao próprio modelo jornalístico. No entanto, como propõe Jácome em seu estudo sobre a revista *Barcelona* (2015), “esse tipo de publicação não é recente na história da imprensa latino-americana e acompanha todo seu desenvolvimento desde o séc. XIX.” (2015, p.72). Ele ainda destaca nomes como *O Binômio* (1952) e *O Pasquim* (1969), na segunda metade do séc. XX no Brasil, além de *El Mosquito* (1863) e *Tia Vicenta* (1957), na Argentina (2015, p.72). Já no período oitocentista, podemos encontrar inúmeros exemplares de jornais satíricos espalhados por diversas províncias e abordando os mais variados temas - acentua-se aqui um apelo maior à política e à arte. Entre eles há *O Bemtevi* (1833), *O Corsário* (1880) e jornais também intitulados como *O Mosquito*, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, nos anos 1853 e 1897 respectivamente. Todos se apresentavam como satíricos.

Em busca de traduzir, afinal, o que é a sátira e mais especificamente o gênero satírico, Elza Silveira (2007) faz uso de diversos autores. Para ela, o ponto comum ressaltado entre eles para essa definição é a crítica, e o objetivo maior na produção satírica se dá na reforma dos vícios (2007, p. 66). Apesar das dificuldades de se delimitar o gênero, ele se constitui como responsável por revisitar seu objeto, seja ele um gênero literário, uma produção cinematográfica ou então jornalística - como os jornais em questão -, a fim de expor seus vícios e contradições, tal como depreciar e ridicularizá-los. Em suma, algo que está intrínseco a esse gênero e que pode ser observado desde o início das produções satíricas no século XIX até as atuais é a sua intenção originária de “observação da sociedade para a discussão de questões relativas aos seus problemas morais e culturais” (SILVEIRA, 2007, p. 65).

Partindo, então, da tentativa de traçar uma linha historiográfica de mídias satíricas no Brasil, essa pesquisa empreendeu uma coleta de dados preliminares na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, buscando por títulos que remetessem a essa estética. Foram mais de 100 jornais satíricos do século XIX coletados e, apesar da grande pluralidade do modo que se apresentavam, a identificação era possível, pois eles normalmente destacavam seu viés satírico junto ao nome, ou então, utilizando de outros adjetivos como chistoso e jocoso, a exemplos temos *O Gahucho na Corte: Jornal Político e Joco-serio* (RJ), *A Primavera: Periodico Litterario, Instructivo e Chistoso* (SE), *A Mocidade : Periodico Noticioso e Chistoso* (BA) e *O Belchior Politico : Jornal Joco-Serio* (RJ). Quando não, era

costumeiro que esses jornais apresentassem nomes engraçados, fazendo uso de trocadilhos ou expressões e substantivos que pudessem causar algum desconforto ou o riso; a utilização de elementos visuais como as gravuras também era recorrente. Como exemplo, pode-se citar o *Pagode Catucá* (PE), *A Gargalhada* (RJ), *O Par-de-Tetas* (RJ), *O Barrigudo* (PE), *O Folgazão* (RJ), e também jornais como o *Marmotinha* (MA) que referenciava a outro jornal chamado *Marmota*, no Rio de Janeiro.

A pluralidade de títulos e temáticas abordadas era enorme, mas foi possível, entre elas, destacar um fenômeno recorrente: a utilização de personagens para a construção identitária desses jornais. Elas, à primeira vista, adquiriam o nome e representavam as intenções dos jornais e seu *modus operandi*. Havia borboletas que voavam e falavam de poesias (*A Borboleta Poética*), garotos que denunciavam a política escravagista (*O Moleque*) e também personagens como Diabo Coxo e Psit, correspondentes aos jornais *Diabo Coxo* (São Paulo, 1864) e *Psit!!!* (Rio de Janeiro, 1877), objetos dessa pesquisa.

No caso do jornal *Diabo Coxo*, ele é representado e protagonizado pela figura que lhe dá nome. O título, por si só, já denota uma estética satírica desse periódico, por sua vez que brinca com uma figura de dada importância e que apresenta uma deformidade - o que na época poderia facilmente ser elemento do humor. Além disso, essa forte figura do Diabo se tornou um elemento muito utilizado na imprensa e na produção litográfica ao longo da história (CAGNIN, 2005, p.14), podemos citar nomes como *Le Diable Boiteux* (Paris), *Le Diable à Paris* (Paris), *Diabrete* (Porto Alegre), *Diabo da Meia Noite* (Rio de Janeiro) e até um próprio *Diabo Coxo*, de Lisboa.

Assim como os periódicos que as davam vida, as personagens também assumiam múltiplas formas e personalidades: eram animais antropomórficos (ou não), humanos em classes e situações diversas, objetos, expressões e figuras mitológicas. Jornais como o *Psit!!!*, inclusive, brincavam com várias dessas possibilidades. “Psit!” é uma famosa expressão da língua portuguesa utilizada para chamar atenção de qualquer pessoa, e que está presente em todos os lugares. Fato este que o autor faz questão de esclarecer quando nomeia seu personagem e também jornal. Afinal ele quer que o *Psit!!!* esteja presente em todos os lugares do Rio de Janeiro, assim como a expressão que lhe dá nome.

Ambos os personagens são capazes de exercer julgamento sobre aquilo que está sendo noticiado com base em suas personalidades, bem como construir a narrativa que será proposta pelo periódico desde a sua primeira edição. Vale ressaltar que eles seguiam um modelo de proposição jornalística diferente da que conhecemos hoje. Os personagens

representavam periódicos que correspondiam ao humor e/ou essencialmente a uma forma de construção disruptiva da imprensa naquela época. Era um outro caminho possível do fazer jornalístico, pautado em narrativas ficcionais e autorreflexão a partir da sátira; elemento quase que inerente à “intersecção da criação e da recriação, da invenção e da crítica” (HUTCHEON, 1985, p.128). A possibilidade de exercer um julgamento, uma observação da sociedade e suas contradições do gênero satírico, se construía através desse processo de criação parodista. Como destaca a autora Linda Hutcheon em *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*, “talvez os parodistas não façam mais do que apressar um processo natural: a alteração das formas estéticas através do tempo” (HUTCHEON, 1985, p.51).

Essas obras permitem com que haja um questionamento de seus princípios e práticas, o que faz com que a paródia ganhe vida proporcionando, conseqüentemente, uma revisão crítica (HUTCHEON, 1985, p.27). Vale ressaltar que esta não se dá somente à instância ridicularizadora, mas também à diferença irônica da própria obra - ambas como um desenlace a partir das revisões críticas e repetições com diferença que a autora propõe. É nesse ciclo de autorreflexividade constante que os questionamentos ganham nova forma e novos meios são propostos. No tocante aos jornais satíricos, fica claro a revisão proposta por eles acerca dos meios e práticas da imprensa que se consolidavam junto à modernidade. Dentro de seu recorte temporal, eles eram a resposta inerente à criação de valores postos ao modo de se fazer jornalismo.

Mais precisamente para a proposta do presente trabalho, os personagens configuram-se como uma artimanha para esse diferente modo de fazer apontado; eles não devem fiabilidade à imparcialidade e muito menos à realidade, a partir do momento que já são, por si só, figuras não realísticas e que estão assumindo a forma não somente de protagonista que vivencia as ações, mas também de jornalista, visto que eles são responsáveis pelas narrativas do periódico.

Essa figura das personagens como narradoras, como descrito, surge para uma construção identitária e reconhecimento da instância leitora (MOURA, 2010, p.12). . A forte presença de ilustrações, a personagem como guia para leitura e, principalmente, como papel de jornalista no que diz respeito ao local de enunciador da notícia. A proposta de intenções e valores do jornal como base da personalidade assumida pelo Diabo Coxo e as situações vivenciadas pelo Psit como alicerce para sua integridade como jornal, corroboram a formação identitária e moral desses periódicos, bem como a passabilidade

para tecer críticas a sua sociedade contemporânea. Assim sendo, esse artigo propõe analisar a construção da relação personagem-jornal dos dois jornais do século XIX: *Diabo Coxo* e *Psit!!!*, partindo do princípio já destacado de que ambos se sobressaem pela função das personagens dadas nos periódicos satíricos. Busca-se entender a composição verbo-visual utilizada para essa construção, a utilização das figuras e as narrativas construídas ao longo das edições que resultam na elaboração da personagem - a fim de corresponder às proposições estabelecidas pelos autores e o lugar de fala que elas assumem.

OS PROTAGONISTAS

O *Diabo Coxo* foi um jornal humorístico fundado por Angelo Agostini e Luís Gama na então província de São Paulo. Na edição *fac-símile* do *Diabo Coxo* da Universidade de São Paulo, ele é descrito como jornal domingueiro, que circulou entre 1864 e 1865, sendo publicadas 2 séries de 12 volumes cada. Era pequeno (18 x 26cm) e possuía cerca de 8 páginas, sendo 4 de textos e 4 de ilustrações. É um jornal reconhecido como um dos primeiros quanto a veiculação de caricaturas no Brasil e periódicos ilustrados em São Paulo (Czyzewski, 2016, p.2) além de um marco para a militância política de Agostini, ilustrador considerado também pioneiro em sua área no Brasil durante o segundo reinado (CAGNIN, 2005, p.16). De acordo com Antônio Luiz Cagnin (2005), ele se tornou famoso após a intensa atividade jornalística que exerceu no Rio de Janeiro até 1910 – ano de sua morte. Retratou grandes figuras como D. Pedro II e acontecimentos relevantes à época, como um acidente de trem que ocorreu bem na data de inauguração da primeira estrada de ferro de São Paulo (CAGNIN, 2005, p.12).

A personagem Diabo Coxo (Figura 1) é caracterizada pela figura do ser mitológico que, no entanto, é privado de um membro (“coxo”). Apesar da representação cômica, ele denota o tom crítico assumido pelo periódico: fala dos pecados que corroem a política e a alta sociedade. Para o Diabo, “A imprensa é sua única força na terra de desmascarar e castigar os criminosos”.

Em sua apresentação, a personagem apresenta-se rapidamente como um figura que percorre todo o mundo e que acabara de chegar em São Paulo, ele afirma: “Quem há que desconheça na vida social, meu casto poderio?”. Não é atoa que sua apresentação seja breve, afinal, o Diabo é uma figura comumente conhecida, como ele enfatiza, por todo mundo.

Figura 1



Vale ressaltar que a sua representação [diabo], por si só, já carrega uma série de preceitos, principalmente para uma sociedade tradicional cristã, como a paulistana do século XIX. Ele é descrito como uma entidade sobrenatural maligna e que está associada ao pecado e a maldade. Contudo, o ponto chave da sátira se dá através da ilustração da personagem, que veste um terno elegante e uma expressão perversa, mas que não consegue esconder um detalhe, construído por Agostini, e que lhe confere identidade: ser coxo.

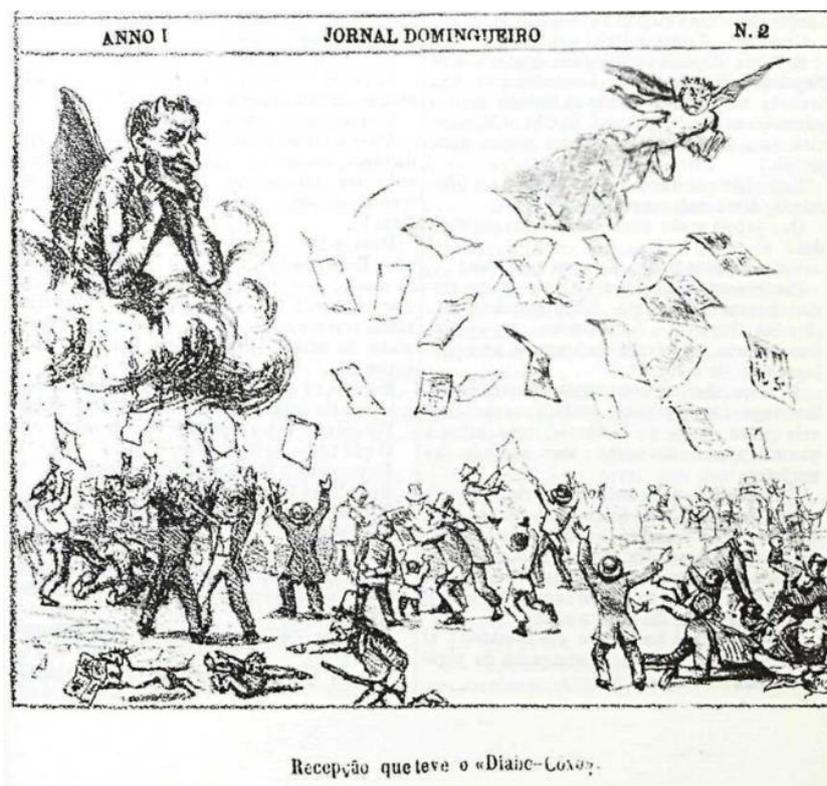
No entanto, uma figura carregada de significados não estaria ali retratada apenas para causar humor e chamar atenção pelo seu nome. Em sua introdução é que essa mobilização se evidencia. O caráter denunciador proposto pelo autor, o qual enfatiza alguns dos problemas humanos e a corrupção de valores em sua sociedade “A avareza, o orgulho, a fatuidade”, são facilmente ligados ao personagem Diabo Coxo. Este, que por sua vez, está ali para ajudá-lo e ajudar à imprensa que, em suas palavras, é definida como a única força que ele encontra em plano terreno: “A imprensa, maior inimiga dos máos, é a unica força que encontro na terra para desmascarar e castigar a esses entes criminosos ou ridiculos estupidos ou orgulhosos” (DIABO, 1864). Através de sua fala, é possível perceber de onde nasce a idealização desse personagem do Diabo como um jornal. A força dessa figura, somada aos preceitos que carrega, como ele mesmo menciona, sendo

responsável por castigar aqueles que são “maus”, se une a ideia dos autores de trazer uma obra que não se propõe a ser uma instância imparcial e distante e sim que julga, que coloca seu juízo de valor e denuncia de acordo com seus ideais.

Para além da atribuição de valores expostas pelo autor e carregadas pelo signo do Diabo, há também sua mobilização para construção identitária e de reconhecimento do jornal domingueiro. As figuras e ilustrações não eram parte da vida comum de grande parte da população em questão, sendo a litografia um marco para democratização da imagem e Agostini um dos primeiros ilustradores da época, como já mencionado (CAGNIN, 2005).

A capa de sua segunda publicação (Figura 2) traz a figura do diabo, voando e despejando diversas cópias por toda cidade, construindo, através da ilustração a qual a personagem protagoniza, a narrativa da recepção do jornal intitulado *Diabo Coxo*. Essa forma permanece em outras edições, não somente na capa. Era comum que ele dedicasse algumas páginas somente às ilustrações, sendo uma linha narrativa ou não. Aliás, nem sempre o protagonista era parte das histórias ilustradas, normalmente isso acontecia apenas quando o próprio redator e/ou jornal estava presente na situação a ser contada. Essas ilustrações poderiam ser somente de uma figura importante do período, habitualmente envolvendo o cenário político brasileiro, como quando Agostini retrata D. Pedro II ou General Ozorio, ou então representativas, referentes à igreja e à elite paulistana, como o Padre que ele chama de Bacalhão, ou os homens sempre ilustrados de ternos e cartolas. Nessas pequenas passagens o Diabo Coxo está ali para tirar sarro daqueles que o perturbam, sendo maldoso na maior parte do tempo, já que, para ele, o cenário em que estava presente era “sujo”. Além disso, o jornal também costumava dar muitos anúncios referentes a produções artísticas, tanto nas ilustrações como em suas páginas verbais, estas que por sua vez dispunham de uma abordagem maior à literatura.

Figura 2

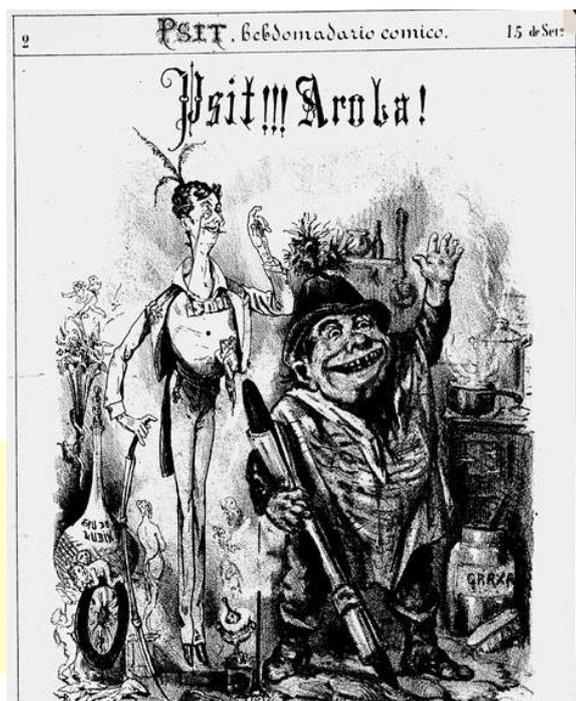


Já o *Psit!!!* foi um hebdomadário criado por Bordalo Pinheiro, ilustrador português e fundador da figura “Zé Povinho” (MEDINA, 2005, p. 140), figura que se difundiu na cultura portuguesa e atingiu o Brasil, sendo “recriado pelos desenhistas brasileiros como Zé Povo, nas revistas ilustradas da passagem do século XIX para o XX” (FERRARI, 2008, p. 3). *Psit!!!* Foi escrito em português-europeu e circulou no Brasil por volta de 3 meses no ano de 1877. Propondo-se como um jornal satírico, abordava temas como política, teatro e música de modo cômico. A personagem Psit entra em cena com seu parceiro Arola (Figura 3), figuras semelhantes às de Don Quixote e Sancho Pança. A comicidade é dada com o forte uso de ilustrações, que narram momentos divergentes entre os dois personagens e seus juízos de valores. Eles são, em certo modo, antagônicos, e em seus desencontros conduzem toda a leitura do jornal.

Psit é ilustrado como um homem alto, bigodudo e bem vestido. Representa alguém de certa influência e que é capaz de se infiltrar e acompanhar os acontecimentos políticos do Rio de Janeiro, a vida urbana e as novidades artísticas da cidade. Em contraponto existe o seu companheiro Arola, que é pequeno e gordo, com um rosto também caricato. A comparação entre os dois já se torna a primeira forma de apresentá-los, o autor faz questão

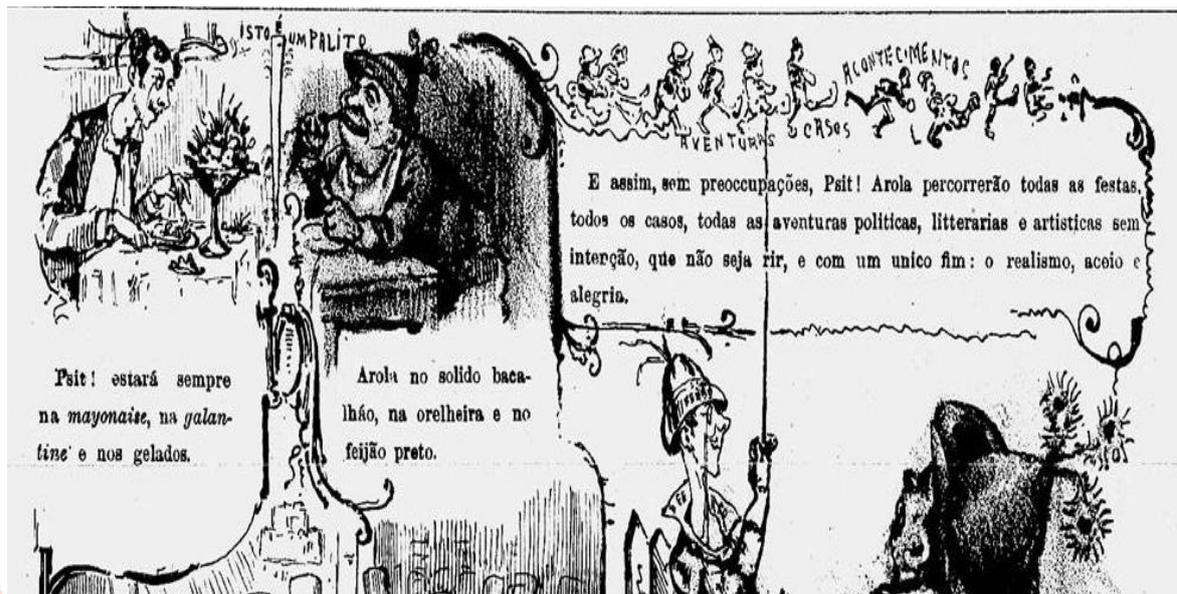
de deixar claro suas diferenças: “Psit é a cabeça; Arola é o estômago. [...] Psit é Botafogo, Arola o Canal do Mangue” (PSIT!!!, 1877). O que denota um claro juízo de valor referente aos personagens. Botafogo é conhecido por ser palco dos cartões postais do Rio de Janeiro, sendo um lugar vislumbrado, sinônimo de beleza, o completo oposto do Canal do Mangue, um canal que capta o esgoto de diversas áreas da cidade.

Figura 3



Psit é descrito como um personagem risonho e divertido, mas também radical e dispéptico. Vale ressaltar aqui que, em forma de texto, o autor descreve o jornal no que tange a sua relação com o cenário da imprensa e as outras publicações concorrentes. Também exalta seus interesses na vida pública, política e artística visando o que será tratado ali (Figura 4). No entanto, a sua linguagem contribui para que fique entendido que, além do jornal – o material que se vende –, este também é uma figura presente [personagem] que compõe dos mesmos valores, ideias e dialoga com outros periódicos.

Figura 4



Simultaneamente, também há as ilustrações dos personagens, fazendo com que essa narrativa se misture ainda mais. Quando ele afirma que Psit estará presente nas câmaras falando a todos os políticos, também é possível visualizar a personagem discursando para essas figuras. Arola também sempre está na cena, normalmente indo ao oposto de Psit, produzindo, assim, certa comicidade.

Essa dicotomia entre texto e ilustrações é central para as proposições do jornal. É desse modo que as notícias, contos e a sátira se apresentam, neste caso, através de suas personagens. É por meio dela que Psit e Arola são capazes de guiar a narrativa e o caminho a ser percorrido pelo leitor, além de melhor entendimento do que está sendo apresentado. *Psit!!!* esclarece, já em seu programa, que a intenção final de sua sátira é causar o riso para seus leitores; isso o difere em certo grau do *Diabo Coxo*, o qual tende a tratar valores morais e é acompanhado de uma perversidade em sua mobilização satírica. Contudo, não se exclui as críticas políticas e a noticiabilidade artística, afinal, o autor pretende abarcar o máximo possível da vida carioca, fazendo uso das diferenças entre os personagens e a forma como eles estão lidando com as situações em que estão presentes.

AS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DA SÁTIRA

Aspectos como título, capa e as ilustrações desses jornais, corroboram para uma disposição de elementos visuais que são essenciais para criação identitária e de alteridade de um jornal (MOURA, 20210, p.60), bem como componentes responsáveis pela

construção narrativa. É através dessas composições que a instância leitora se reconhece e efetiva (MOURA, 2010, p.12). No caso de *Psit!!!*, como já citado, o protagonista e o jornal carregam o mesmo nome, afinal, correspondem a mesma coisa, articulando, de forma figurativa e através da narrativa, a alteridade do jornal. Ele acompanha as narrativas enunciadas, está presente nas factuais que contracenam com Arola, o qual costuma apresentar a situação de outro ângulo. Em *Diabo Coxo*, sua capa conta uma história, ela explicita a relação entre o material jornal e a instância leitora, através da figura da personagem que narra em primeira pessoa esses acontecimentos. Na terceira edição, por exemplo, ele dialoga com os outros jornais, “agradecendo ao jornalismo a recepção que lhe deu” (DIABO, 1864). Como propõe Maria Bethânia Moura (2010), esse movimento é responsável por uma criação estética que oferece investimentos semânticos decisivos para a instância leitora.

Com outras palavras, o jornal coloca sua materialidade verbo-visual a serviço da construção estética e dos percursos figurativos que direcionam o discurso a ser realizado por meio da concretização da informação jornalística no contexto da recepção (MOURA, 2010, p.17).

É nessa conjuntura que os jornais satíricos se destacam ao apresentar uma maneira distinta de construção do discurso, em que a narrativa se propõe de outra forma à factuais – aqui fundamental. O teor cômico, paródico e com críticas à sociedade que dialoga, se moldam a essa diferente forma narrativa, que faz uso, em grande parte, de ferramentas centrais para seu desenvolvimento e construção - como a já destacada adesão de personagens fictícios à narrativa realista.

Em seu livro *A personagem de ficção*, Antonio Candido (2009) convida a pensar que as personagens constituem a ficção. Ainda que haja uma descrição, uma prosa, sobre determinado cenário ou momento, são elas as responsáveis para “dar a vida” a eles (CANDIDO, 2009, p.19). Para ele, é necessário que o leitor participe dos eventos “em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa” (p.20) e isso ocorre através da movimentação da personagem e sua interação com o que lhe é disposto: “A narração – mesmo a não-fictícia –, para não se tornar em mera descrição ou em relato, exige, portanto, que não haja ausências demasiado prolongadas do elemento humano” (CANDIDO, 2009, p. 20).

Assim, eles – os personagens – assumem os discursos, são responsáveis pelo que é mostrado, pelo que se fala e como se fala; protagonizam as ilustrações e, em sua maioria, nos permite assumir a sua personalidade ao ler os textos corridos de ambos os periódicos. Quando eles narram o que estão vivenciando em primeira pessoa, é a figura do narrador-personagem – Diabo ou Psit – quem está falando e colocando suas impressões, ainda que seja de uma divagação ou até vivência do autor, como quando Agostini escreve “Eis-me em São Paulo” e completa com “do Inferno bem distante” (DIABO, 1864). Ou então na segunda edição, o autor de Psit coloca “Arola, sabes que estou receioso. Este mez tem morrido tantos homens de talento que temo por mim” (PSIT!!!, 1877), enquanto a ilustração demonstra o personagem conversando com seu amigo, que rebate a sua presunção. Essa abertura ficcional proporcionada, ao caminho de se produzir um reconhecimento da instância leitora, conecta-se, também, à utilização de uma série de artimanhas no que diz respeito à produção satírica.

Elza Silveira (2007), em sua análise de *O Carapuceiro*, jornal satírico de Luís Gama, enumera algumas delas como a redução, a tipificação e a caricatura. A redução consiste basicamente na “degradação ou desvalorização da vítima por meio do rebaixamento de sua estrutura ou dignidade” (SILVEIRA, 2007, p.103). Já a tipificação é o aprisionamento a um papel do qual não se pode sair, “o tipificado está sempre repetindo seus atos condenados pelo satírico, que lhe tira qualquer chance de atuar com liberdade, além de lhe privar, também, da singularidade” (SILVEIRA, 2007, p.105).

A última, a caricatura, soma-se as outras duas, sendo uma espécie de pintura satírica, “uma vez que ela é uma maneira de expor os defeitos e vícios ao ridículo” (SILVEIRA, 2007, p.112). Ponto forte, tanto em Psit!!! quanto em Diabo Coxo, ela é responsável por grande parte da narrativa enunciada e da construção do personagem-jornal, tal como a sua interação com o que se está noticiando e as factuais da época. Apesar de nem sempre haver um tom degradante nas caricaturas, como quando o Psit homenageia o próprio Agostini por sua relevância quanto às revistas ilustradas, os homens comuns os quais o Diabo e os protagonistas de Psit!!! interagem costumam ser retratados de forma cômica, cabeçudos, com expressões exageradas e outras deformidades, fazendo uso da redução por exemplo. Além disso, ambos ilustram momentos imorais de suas sociedades, brigas de ruas, de política ou envolvendo a arte; era comum que os autores representassem diversos homens gritando, amontoados denotando uma selvageria, um viés cômico e crítico, como propõe Elza Silveira.

Muitas vezes, com o intuito de melhor utilizar os conhecimentos que possui sem que isso afete a sua modéstia, já que a situação em que ele se coloca poderia fazer com que fosse acusado pela falta de uma das virtudes que tanto defende, a persona satírica faz-se esconder através de personagens que cria para si próprio. (SILVEIRA, 2007, p. 116)

No que se refere aos personagens-jornais, a protagonização do personagem, assumindo a voz do jornalista, segue o mesmo caminho a partir do momento em que eles são os responsáveis pela narrativa e a linguagem arquitetada. Há, assim, uma clara exposição dos valores jornalísticos propostos por seus criadores, que, no entanto, são evidenciados e pautados na criação de seus personagens. No caso de *Psit!!!*, isso fica mais explicitado no momento em que se apresenta na primeira edição. Suas ilustrações carregam legendas que descrevem o que seus personagens irão produzir, enquanto que, em formato de texto, o autor preconiza seu propósito: “O desejo de Psi!!! é rir”, “Psit! vinde todos e escutae: já que fallaes de todos, nós de todos vamos falar” (PSIT!!!, 1877) – aqui fazendo uma menção aos outros jornais, enquanto as personagens passeiam pela rua do Ouvidor.

Figura 5



Já em *Diabo Coxo*, a postura do protagonista representada tanto verbalmente quanto de forma ilustrada é capaz de expor seus valores. Há um forte discurso em primeira pessoa, como já apresentado, pautado nessa persona satírica - como fala a autora - e impetuosa que é o Diabo, fazendo jus a escolha de criação e construção desse personagem-

jornal. É notável como autor e personagem se mesclam nesse caso, pois há momentos em que o próprio Diabo se apresenta como um ser humanizado:

Ah! éslu... o diabo?

Assim me chamão, mas fica certo de que sou tanto como tu : rio-me das sandices dos homens, escondo as minhas dôres, leio algumas vezes nos astros o que não me dizem os livros santos, passeio á noite pela chuva ou pelo vento sem ter nunca ficado doente, tenho mil talemto que, me fazem querido na sociedade, sou algum tanto poeta, porém não faço versos, porque por si só, é já o meu todo uma riquíssima estrophe (DIABO, 1864).

Ainda que, na menção de Elza Silveira, ela assuma a criação de uma segunda persona do autor e não de outro personagem como Diabo Coxo e Psit!, a existência deles denota de mesmo modo o distanciamento do autor com o que é dito e apresentado nos jornais. É visível que elas - as personagens - mobilizam histórias e narrativas, embora estas sejam acontecimentos fatídicos e correspondentes à vida cotidiana, seja do Rio de Janeiro ou São Paulo. Elas traduzem os fatos de forma opinativa, sem necessariamente distinguir a imprensa da realidade que está sendo contada; muito pelo contrário, em jornais como *Psit!!!*, seus protagonistas vivem a cena para poder descrevê-las. Há uma capacidade de frequentar os espaços públicos e conceber, conseqüentemente, uma narrativa que mistura o irreal fictício com a realidade.

Como já demonstrado, essas personagens se mobilizam através das ilustrações, contam histórias e denotam categoricamente seus valores jornalísticos. De maneira oposta, as personagens, carregadas de ironia ou sensações humanas, caminham na direção contrária ao ideal proposto pelos grandes veículos e que hoje é consolidado. Elas não se excluem da cena, são parte dela - ora as constroem - e imprimem seus sentimentos com relação a determinado assunto.

Esse movimento permite com que a figura do personagem, através das técnicas que envolvem a sátira produzida no jornal, assumam uma postura, tanto no Psit quanto no Diabo, de anunciar e promover - em certo grau - seus valores e julgamentos diante dos acontecimentos, ou simplesmente com que a produção jornalística seja tratada de um outro modo, cômico, que misture a ficção narrativa e a noticiabilidade.

CONCLUSÃO

Assim, pretendendo-se construir ferramentas analíticas para o desenvolvimento dos estudos historiográficos no campo da Comunicação, os personagens-jornais denotam sua importância em meio a linha historiográfica de mídias satíricas no Brasil. Revisitar e estudá-los nos permite pensar a pluralidade de formas que se constituíam na formação da imprensa e como elas podem refletir no próprio jornalismo contemporâneo.

A sátira que eles evidenciam já no século XIX, e que hoje continua em voga também em diversos outros formatos e assumindo outros meios de execução para além do uso da personagem, já se apresentava como uma outra proposta do fazer jornalístico. Seus elementos verbo-visuais se traduziam em alteridade e conexão para com a instância leitora de modo que a sátira pudesse ser exercida e reconhecida. A utilização do humor, das artimanhas satíricas somadas às ilustrações e da própria construção da personagem-jornal eram parte do processo de vigilância desses jornais, de modo a tecer críticas, exercendo a exposição e ridicularização dos vícios da sociedade e da própria imprensa que se consolidava na época.

Além disso, mais precisamente na construção das personagens, há também um diferente modo de se fazer jornalístico no que diz respeito não somente da sátira, mas interligado a ela, uma forma de narrativa jornalística agregada à ficção. O aparecimento das personagens denota uma fuga da figura do jornalista ou, mais uma vez, de valores como distanciamento e imparcialidade, hoje tão institucionalizados. Psit, um personagem completamente ficcional que se mistura à figura do jornal [objeto e instituição], é o responsável por toda a sua noticiabilidade e a maneira a qual as notícias e fatos serão repassados para o público. Assim, o autor Bordalo Pinheiro faz uso de imagens ilustradas que remetem até mesmo a histórias infantis, coloca o personagem na cena noticiada e não se priva de narrar a seu modo, fazendo uso na maioria das vezes do humor. Já Agostini, ao utilizar a figura do Diabo, também sem abandonar o humor, é capaz de falar e abordar suas próprias vivências através da personagem fazendo um movimento de criação de uma persona satírica. Esta que por sua vez é carregada de preceitos já estipulados culturalmente, podendo dar seu juízo de valor aos fatos e acontecimentos da narrativa sem se prender necessariamente a uma postura esperada, já que não combinaria com o personagem.

É nessa inventiva do uso da ficção para o fazer o jornalístico que a sátira se constrói e ganha espaço em diversos jornais do século XIX. As personagens eram capazes de contar histórias fatídicas ou não, ligadas a diversos temas como política e arte, seja

participando da cena, narrando ou então a protagonizando. Eram responsáveis por anunciar e promover ao longo das edições os valores sociais e também jornalísticos estipulados pelos seus criadores, sendo figuras de extrema importância nas suas criações, visto que muitas vezes esses princípios se mesclavam à sua própria personalidade. E, por fim, permitiam o diálogo para com a sociedade e a imprensa, de modo que essas personagens pudessem expor os incômodos dos seus criadores e aviltar abertamente aquilo que fosse, para eles, digno de crítica e ridicularização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **A personagem do Romance**: Personagem do Romance. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CZYZEWSKI, Analice; PERIOTTO, Marcília Rosa. O jornal Diabo Coxo (1864-1865): a caricatura e a crítica à elite política-social no segundo império. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, v. 15, n. 66, p. 32-41 2016.

Edição fac-similar. Coleção Ad Litteram: **O Diabo Coxo**, 1ª edição, impressão de 2005.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

JÁCOME, Phellipy Pereira. **Fissura no espelho realista do Jornalismo**: a narratividade crítica de Barcelona. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2015.

MEDINA, João. Rafael Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho, auto-caricatura do Português. **Línguas & Letras**, Cascavel, v, 6, n, 11, p. 137-148, 2005.

MOURA, Maria Bethânia. **Por uma teoria do formato jornalístico**: reflexões sobre o jornal como sujeito semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SILVEIRA, Elza. **O Carapuceiro**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

FERRARI, Danilo Wenseslau. **Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho no Jornal “O Besouro”**. Assis: UNESP, 2008.